

---

## **AS ARTES MALASARTES, A VIAGEM DE PEDRO MALASARTES**

*Por Felipe de Menezes<sup>1</sup>*

Às leitoras e aos leitores, um aviso:

Essa crítica foi escrita por duas pessoas: eu e a espectadora Maria, de 65 anos. Embora eu tenha sido convidado a contribuir com os “olhares críticos”, a bem da verdade, não foram apenas os olhos convocados para essa 36ª edição do Festivale. Nele, estávamos com todos os sentidos aflorados, sobretudo, os sentidos que extrapolam os cinco usualmente acessados. E, por falar em sentidos, antes de ler, é importante que conheçam a minha parceira de escrita. Aumentem o som e ouçam suas risadas:



<https://youtu.be/sSYidTI1ve0>

---

<sup>1</sup> *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

Maria escreveu algumas de suas impressões sobre *As artes Malasartes, a viagem de Pedro Malasartes*, apresentada na Arena do Parque da Cidade, na tarde de 11 de setembro. Em um dos trechos, ela diz assim:

*“sempre que posso vou no teatro, as pessoas de lá é um povo tudo animado”.*

Em outro trecho, Dona Maria arremata o pensamento:

*“eu prefiro as comédias quando são na rua”.*

O teatro de natureza popular é aquele que, inevitavelmente, dialoga com todas, todes e todos. É envolvente, contagiante, nos faz “carculá” (calcular), como dizia minha avó. Entre uma gargalhada e outra, o espaço sempre é preenchido por sorriso, encanto e conexões, às vezes, profundas – sobretudo, quando estão em cena trabalhadores e trabalhadoras do teatro comprometidos com a arte engajada. Esse é o caso do Teatro do Rinoceronte que, nesse ano de 2022, ocupou o festival com três espetáculos. E com justeza. Nascido em 2015, já fez dezenas de apresentações na cidade e fora dela. O trabalho foi levantado com recursos públicos, no caso, do Fundo Municipal de Cultura de São José dos Campos – e é sobre isso que eu gostaria de falar inicialmente.

Temos a convicção de que a função do Estado, dentro de uma democracia, é a de apoiar, leia-se, incentivar, a produção artística de seus artífices. O Estado não produz cultura. E foi o que aconteceu com esse e outros espetáculos do Teatro do Rinoceronte que teve, ao longo de sua trajetória, incentivo financeiro para a produção, apresentação/circulação de suas peças, bem como financiamento público de outros projetos do coletivo. *As artes Malasartes, a viagem de Pedro Malasartes* é o exemplo de um bom funcionamento das políticas públicas para a área da cultura: uma peça que está ativa há sete anos – inclusive, teve a sua estreia no 30º Festivale.

O espetáculo está em sua plena forma: inteiro e vivo. Nele, um coro de atores (ou brincantes!) que executa com excelência o trabalho do começo ao fim – destaque para *“o menino que faz o Malasartes, que é muito bom”*, como me disse Dona Maria. Guilherme Venâncio está, nesse trabalho, como Pedro Malasartes, extremamente comprometido com a cena, maduro, esperto e muito leve. O bando de atores do Teatro do Rinoceronte, como um todo, não deixa nada a desejar, nos mostra um grupo extremamente envolvido com o trabalho de atuação e todo o incrível trabalho musical.

O querido Carlos Rosa, que assina, na ficha técnica, o texto e a direção consegue, com maestria, encenar um espetáculo de alta qualidade artística. Rosa, um veterano artista joseense, foi um dos criadores da companhia e, por alguns anos, trabalhou como ator no espetáculo.

*“A peça mostra, com alegria, a história do homem que nem Deus nem o Diabo queria. As músicas estavam divertidas e as crianças adoraram”.*

Pois é, Dona Maria, os expedientes narrativos do teatro popular estavam todos ali: cenas episódicas, entrelaçadas com muita música, somadas aos elementos da cultura popular do Vale do Paraíba, além de toda beleza visual criada por Dagmar Siqueira – que faz desse trabalho um destaque positivo dentro de todo o festival.

Ana Risada, Andrey Gonçalves, Guilherme Venancio, Paty Beghetto, Rachid Severino, Romulo Scarinni, Denilza de Souza, Márcio de Oliveira, Gabriel Salve e a amabilíssima Lucilene Dias estão impecáveis do começo ao fim – razão pela qual é imperativo que brindemos todos os esforços e a trajetória do Teatro do Rinoceronte.

Viva a cultura do Vale! Viva o teatro popular! Viva o Rinoceronte!

O teatro, Dona Maria, tem o tempo do amor.